

**Algumas considerações
sobre Sociedade Econo-
mica**

PROF. ALFREDO FREYRE

1880
1881

Parece-nos opportuno, na hora presente, lançarmos as vistas sobre a sociedade economica para aprehendermos sua complexidade e melhor resistirmos a certas theorias simplistas que se oferecem como remedios capazes de curar todos os males que affligem os povos.

N'uma economia nacional, somente uma parte, relativamente pequena, dos seus processos, se elabora sob uma direcção unica. Essa é a que está subordinada ao contrôle economico do Estado. Sua maior parte é administrada por economias particulares independentes, podemos dizer, e que nas grandes nações se contam por milhões. Essas diferentes economias combinam-se e unem-se e geralmente o fazem por contractos tacitos, explicitos e compulsorios, em que vantagens e compensações são permutadas.

Os economistas distinguem 3 formas de contractos compensativos: o contracto social, o contracto de troca e o contracto de seguro. No contracto social um maior ou menor numero de individuos combinam reunir valores, bens ou serviços para certo e determinado fim; o contracto de troca geralmente realizado entre duas partes e por meio do qual se conciliam as entregas de bens, serviços ou dinheiro; o contracto de seguro que, tendo pontos de contacto com as duas outras formas mencionadas, tem por fim distribuir e atenuar os effeitos dos prejuizos entre as diversas economias particulares. Esta ultima forma de contracto tem attingido a mais alta importancia nas economias mais desenvolvidas, porém, se relaciona mais

de perto com a segurança da estrutura economica do que mesmo com a sua criação ou desenvolvimento. Por sua vez o contracto social apesar de ser considerado como base da integração da economia social, fica relegado a segundo plano não só pelo seu uso que é reduzido em comparação com o contracto de troca ou permuta, como também é, nos seus efeitos, obscurecido por este, que se revela o instrumento de ligação e coordenação entre as economias individuaes e a economia nacional.

As economias particulares que comprehendem o corpo economico nacional conservam, na sua gerencia domestica, muito do espirito da economia simples. Têm, relativamente, poucos pontos de contacto com o corpo social e esses pontos de contacto ou associação visam apenas á execução das normas de consumo por meio de uma orientação economica commum. Mas, nas suas actividades exteriores essas economias se acham fortemente vinculadas ao corpo economico, desempenhando funcções das mais importantes. N'uma economia monetaria desenvolvida, em que desaparece a auto-sufficiencia individual, todas as familias recorrem aos diferentes mercados para a satisfação das suas multiplas necessidades. Donde resulta a procura, de iniciativa do consumidor e della decorrendo a procura, já agora por parte do productor. Como consecuencia natural, cada individuo responsavel por uma familia economicamente independente, vê-se na obrigação de obter um rendimento certo de dinheiro. Para isso deverá entregar se a uma actividade que lhe proporcione uma retribuição monetaria Poderá fazel-o como grande «entrepreneur», como mestre-artifice, como proprietario de terras ou qualquer outra especie de productor independente. Ou então como operario, como senhorio ou como emprestador de dinheiro de modo a poder fornecer bens ou serviços no processo de crear valores. Assim, toda economia privada está duplamente entrelaçada ao processo economico-social; si por um lado a procura de valores naturaes se origina na familia, por outro, os individuos responsaveis por essas familias exercem uma actividade acquisitiva em busca de productos ou outros valores. Para uma economia privada perdurar é necessario que mantenha em actividade a circulação provocada por esses dois movimentos com suas multiplas accomodações e entradas e sahidas de dinheiro.

Existem milhões de movimentos circulatorios menores que vinculam as economias particulares ao corpo so-

cial. Todas ellas reunidas formam a grande circulação a economia nacional. Nesta, o total da offerta contrabalança com o total da procura. A esse processo chama-se — distribuição de valores. Com maioria de razão deveria ser chamado processo de transposição ou de permuta. No sentido mais restricto do termo comprehender-se-ia uma distribuição de valores somente no caso de ter sido toda a producção realizada em commum e em que os productos assim obtidos fossem então partilhados para a satisfação das necessidades dos individuos tal como promette o estado socialista. Na ordem actual das cousas tal partilha não se verifica. Os productos e outros valores naturaes não são produzidos por um esforço commum; são preparados por organizações acquisitivas independentes que se acham ligadas socialmente. O processo que se segue ao de producção nada mais é do que um processo de troca cada economia individual entregando os productos de sua criação mediante o recebimento dos productos ou valores de que carece.

Não obstante, as empresas acquisitivas legalmente independentes são instrumentos de um grande processo social productivo e acquisitivo, que decorre da divisão do trabalho. Esse processo social productivo e acquisitivo e, com elle, o inseparavel processo de troca, juntos, formam a economia social.

A theoria da economia simples é um pre-requisito essencial á descripção desse processo economico social, objecto do presente estudo. As economias privadas que conjunctamente formam a economia nacional são, em si, economias simples. Sem o auxilio de uma theoria de economia simples não poderíamos comprehender as leis que as regem dentro do corpo social. Mas, isso só não é bastante. E' necessario um melhor preparo para melhor comprehensão. E' preciso notar que a theoria da economia simples explica somente as condições da economia individual idealizada e isolada, que obedece ás suas leis de movimento sem restricção de qualquer ordem. Mas na economia social todas essas economias particulares e individuaes se congregam, vindas de todas as direcções. Verdadeiramente não se congregam, mas chocam-se e fundem-se com violencia. Cumpre, portanto, averiguarmos si a sua reunião não altera suas respectivas leis de movimento e mais particularmente si uma determinada parcella de força não será capaz de exercer contrôle decisivo. Sob certas e determinadas condições,

póde-se observar que os movimentos individuaes estão tão bem coordenados que o espirito da economia satisfaz a todos os participantes, satisfazendo assim, de um modo geral a toda a economia social. Isso se observa no caso de instituições taes como o dinheiro que serve os interesses communs de todos. Em taes casos é forçoso indagar qual a força que congrega individuos, cada um dos quaes segue independentemente a sua lei, com um mesmo proposito e os leva a trabalhar para um mesmo fim. Outras vezes, sob condições outras, os interesses pessoaes se entrec chocam e, no conflicto resultante, vence o mais forte. Dessa victoria surge muitas vezes uma força ainda maior, capaz de dominar classes inteiras da sociedade. Nesses casos, devemos indagar si não existe tambem uma lei que regula os movimentos economicos dessas forças. Torna-se então necessario indagarmos especialmente si a significação social da economia é destruida. A questão toma aspecto ainda mais importante quando observamos que a força nem sempre vem de fóra mas, ao contrario, as mais das vezes desenvolve-se dentro mesmo da propria economia. Claro que certos factos não podem ser estabelecidos em definitivo porque, si o fossem, seriamos levados a acreditar que algumas bases sobre as quaes assenta a economia nos conduziriam ao absurdo.

Todas essas questões se relacionam com a theoria social em geral, envolvendo a organização da sociedade e as origens e funcionamento da força ou poder. O processo economico nacional é tambem social e apresenta forçosamente os mesmos problemas que repontam em todo intercurso social.

Si existisse uma theoria completa da sociedade, poderiamos recorrer a ella para uma explicação dos typos fundamentaes de actividade social que se relacionam á economia. Mas a Sociologia ainda está em formação. Si insistirmos em tal explicação, como aliás parece-nos indispensavel, teremos nós mesmos de offerecel-a descrevendo os typos fundamentaes de actividade social dentro das exigencias do processo economico. Naturalmente teremos que ser concisos procurando comtudo conservar a clareza de linguagem e pensamento.

O interesse extraordinario de certos individuos e dos homens de governo nos resultados das actividades economicas levou os pensadores a investigarem as relações sociaes da economia nacional, muito antes de ser o seu interesse despertado pelos mesmos phenomenos nos ou-

tros campos de intercurso social. Mais ainda, o facto do valor economico ser uma quantidade commensuravel e representativa dos motivos que provocam o intercurso economico tornou possivel um progresso mais rapido e mais seguro na explicação dessas relações de ordem economica do que as existentes em outros campos sociologicos.

D'ahi ser a theoria economica uma especie de guarda avançada da Sociologia. Desde o principio que o economista tem contado somente consigo mesmo no trato dos problemas sociologicos. A economia é simplesmente um ramo da sciencia social, porém seu desenvolvimento tem sido mais rapido do que o do tronco, que é a theoria da sociedade. Tem, portanto, prestado a esta maiores serviços do que tem d'ella recebido. A grandeza scientifica dos mestres classicos manifesta-se na firmeza com que atacaram os problemas sociologicos da theoria economica. Nas suas doutrinas determinaram algumas das bases sobre as quaes veio assentar mais tarde a sciencia social. Os classicos trataram especialmente do problema da unidade economica. O optimismo sadio do seu modo de pensar não lhes deixou duvida sobre o parallelismo existente entre os interesses economicos individuaes e sociaes. Sustentavam elles que cada individuo melhor do que ninguem sente onde está o seu interesse para cuja protecção o seu proprio egoismo proporciona os meios mais efficazes. Mas, como se tem sempre de prestar serviços ou permutar valores para obter vantagens em proveito proprio, na competição resultante, segue-se obrigatoriamente que as forças pessoas mais fortes em actividade na economia nacional entram em campo a serviço da sociedade. Dessa simples premissa os mestres classicos deduziram a lei de preços e acharam explicação para a estrutura da economia acquisitiva. Dos principios que estabeleceram o que mais se destaca é o da divisão do trabalho. Apresenta uma comprehensão profunda do arcabouço da economia nacional. E' por certo a mais importante e a mais solidamente firmada contribuição dos classicos á sciencia social.

A theoria classica da sociedade economica é chamada individualista. Sim; porém deve-se acrescentar que o «individualismo» dos fundadores da theoria classica não era, de nenhum modo, tão illimitado quanto o affirmam os seus criticos e commentadores. Sempre conceberam a economia regulada pela lei e pela moral. Exigiam li-

berdade de acção para o individuo na persuasão de que o Estado e outras organizações sociaes que dictam leis e regras, seriam responsaveis pela observancia das normas legais e moraes. Nunca sustentaram que o Estado em si fôsse uma criação individualista. Não lhes cabe, portanto, responsabilidade alguma si uma escola extremista levou o individualismo á anarchia e ao dismantelo do Estado. Do mesmo modo que os mestres classicos conceberam o individuo, assim tambem, no tocante á liberdade de acção, conceberam o egoismo pessoal controlado pela lei e pela moral. Mais ainda; reconheceram certos perigos inherentes ao egoismo pessoal e viram a necessidade de serem tomadas certas precauções contra os mesmos. A quasi obcessão da liberdade pessoal foi um resultado da epoca historica em que viveram. Seu erro limita-se ao facto de terem dado muito campo para o jogo da liberdade pessoal.

O instrumento methodologico de idealização foi por elles levado a um ponto em que se tornou observação idealizada. Como consequencia, elles se excederam na avaliação da capacidade do homem para ser livre. Si deixaram de formular theoreticamente restricções necessarias á liberdade, foi porque consideravam taes restricções como excepções, em quanto que a liberdade seria a regra geral. Apesar de não serem inteiramente individualistas na sua theoria não se póde negar que, do ponto de vista pratico, elles levaram muito longe seu individualismo. A applicação integral desse individualismo foi primeiro feita pelos seus discipulos, que acceitaram a theoria de olhos fechados, póde-se dizer. Os discipulos foram os primeiros a desenvolver a doutrina da harmonia de todos os interesses. Na sua exposição doutrinaria commetteram o erro de sustentar o dogma de liberdade irrestricta apesar de já se terem modificado, por esse tempo, as condições de vida a tal ponto que a liberdade sem freios redundaria em prejuizo social.

Segue-se d'ahi que os classicos deixaram em aberto o problema, acima alludido, do poder ou força. Incidentalmente um ou outro notou que o producto originalmente do trabalhador passava ás mãos dos poderosos que auferiam lucros sem esforço. Smith refere se com certo calor, porém só de passagem, a esse ponto.

Entretanto nem elle, nem Ricardo nem nenhum dos que os seguiram chegaram a tirar qualquer conclusão theorica das suas observações. Todos elles acceitaram as

condições existentes daquela força. Seus discipulos parecem ter chegado á conclusão de que a desigualdade que então prevalecia era necessaria. No periodo em que foi fundada a escola classica era facil passar por cima do problema da força na economia. Mais tarde já se foi tornando quasi impossivel ignoral-o. A principio, satisfaria a qualquer um a explicação de que os interesses geraes da sociedade seriam beneficiados, si o maior serviço do mais capaz e do mais talentoso fosse melhor recompensado por uma renda maior enquanto o indolente, o não especializado, o simples trabalhador ficava á margem. Não ha duvida nenhuma de que o dogma individualista deixou de levar na devida conta o problema da força e isso se tornou patente pela primeira vez quando o desenvolvimento capitalista reduziu grandes *strata* da população á penuria mais cruel. Uma theoria economica para a epoca actual deverá levar em conta uma theoria social largamente affectada pela existencia da força.

A politica economica moderna tem-se afastado da theoria de liberdade, representada pela escola individualista. Não cabe aqui, nesta ligeira exposição theorica, uma analyse dessa transição. Tambem não se enquadra aqui determinar, si ou não, a politica economica moderna estabeleceu os limites adequados á acção de liberdade individual. Procuramos determinar simplesmente a base theorica sobre que deverão assentar aquellas regras e limitações. Que substitutivo poderemos offerecer para a theoria individualista da sociedade? E' bem verdade que, na forma primitiva e ingenua, ella tornou-se inadequada. Mas, como desprezar seu conceito fundamental de que o individuo é o agente do intercurso social? Os individuos que compõem a sociedade são os unicos possuidores de toda a consciencia e de toda a vontade. A explicação «organica» que se tem procurado dar á sociedade como tal, sem referencia ao individuo — o agente da actividade social — é evidentemente um absurdo. Devemos desprezar os excessos da explicação individualista, porém convenhamos que a explicação só poderá ser feita em termos do individuo.

E' no individuo que teremos de buscar as tendencias componentes da estrutura social e que se ajustam de tal maneira que dão a cohesão e firmeza á unidade social, fornecendo ao mesmo tempo as bases para a estrutura do poder social.

Estudemos succintamente os typos basicos de in-

tercurso social para proseguirmos com a descripção da actividade economica.

O homem é muito fraco para, isoladamente e como individuo, garantir sua propria subsistencia e viver a sua vida em toda sua plenitude. O impulso para preservar-se a si mesmo e para melhorar as condições de vida — interesse egoista que decorre de um sentimento de fraqueza — conduz á organização social. Em parte, o homem é assim levado deliberada e conscientemente. Mas, fundamentalmente, actúa sobre elle um impulso social; pela sua propria natureza o homem é um ser social. Quando primeiro apparece na historia já estava elle ligado a grupos sociaes, tribus ou clans que exerciam um poder social sobre os seus componentes. No decurso do desenvolvimento historico, as organizações sociaes foram se tornando cada vez mais absorventes. Alastraram-se á força de successos. As tribus victoriosas na guerra e prosperas na paz desenvolveram-se e expandiram-se deixando atraz ou absorvendo os vencidos e retrogradados.

Existem dois typos de força social: o contrôle natural, si assim o podemos chamar e a compulsão. Os contrôles naturaes são acceitos pelo individuo como instrumentos auxiliares da affirmação e desenvolvimento do seu ser.

O individuo sente que elles augmentam e fortalecem seu poder individual e mal percebe que está sendo governado por elles. Quanto mais profundamente o seu dominio se affirma sobre o homem tanto menos este sente esse contrôle e mais promptamente obedece aos seus commandos. E, precisamente quando o homem está mais completamente dominado por elles — quando no seu intimo os acceita e approva sem reservas — é que chega a convencer-se de que é completamente livre. A verdadeira liberdade não consiste na ausencia absoluta de contrôle; antes, consiste n'uma relação justa do individuo com a sociedade.

A compulsão, por outro lado, é encarada como uma restricção á vida individual. Seu poder é melhor apreciado quando emana da força armada que subjuga o vencido á vontade do vencedor. Essa força se desenvolve e opera mesmo dentro do intercurso commum da sociedade. Um grupo, uma classe ou um povo victorioso poderá por sua vez estar sujeito a um chefe ou a um principe. Essa compulsão oppressiva passa então a ser predominio.

Entre os contrôles naturaes e a compulsão, e entre essa ultima e o predomínio, existem gradações imperceptíveis, extraordinariamente difficeis de distinguir, quer subjectivamente por aquelles que são controllados, quer objectivamente pelo observador de fóra. Ha de haver casos em que um poder é considerado pela sua victima como um contrôle natural apesar desse mesmo poder estar agindo por compulsão, porquanto restringe o desenvolvimento da vida da propria victima. O homem fraco sente que está sendo amparado e protegido por aquillo que um homem mais forte, ancioso por independencia, consideraria um constrangimento.

Um dos maleficos efeitos da escravidão é que o escravo perde toda a noção de oppressão. As forças sociaes mais fortes desenvolvem-se onde e quando se torna necessaria uma actividade unida e em commum como, por exemplo, para resistir a um ataque do estrangeiro. Tal actividade da parte das massas exige orientação. A massa em si, a multidão desorganizada é incapaz de acção. Para agir é necessario que se submetta á direcção e contrôle dos chefes. Originariamente, chefes estrangeiros foram chamados para orientar, isto é, homens reconhecidamente dotados de qualidades superiores. Mais tarde com o desenvolvimento das forças historicas de orientação, essas forças passaram a controlar a escolha dos chefes. Os chefes novos se affirmam sómente quando vencem a opposição dos velhos chefes. O successo que está ligado á chefia afortunada enaltece a posição do chefe e eventualmente transforma a méra superioridade pessoal em verdadeiro poder pessoal. Não será difficil mostrar como historicamente isso se poderá transformar até mesmo em predomínio absoluto.

Como a maior parte da actividade economica não exige uma orientação unica, assim o poder da chefia economica nunca attingiu o mesmo grau da chefia militar, politica ou religiosa. Foi somente na era do capitalismo que as grandes empresas deram margem e offereceram bases para a formação de um grande poder de chefia economica.

Mesmo naquelles casos de intercurso social em que um direito legal de auto-determinação é conferido ao individuo e em que a chefia unificada não desempenha nenhum papel preponderante, a chefia e o poder della decorrente se fazem sentir. Até mesmo nos seus negocios pessoais, a maioria dos individuos são demasiadamente fra-

cos para contar somente consigo mesmos. Não poderiam preservar a vida nem progredir. Até mesmo o homem mais forte não é sufficientemente forte para fazel-o, si depender exclusivamente de suas forças individuaes. Tudo o que o homem tem feito, quer na sua evolução es-piritual, quer na sua evolução physica foi conseguido atravez das relações sociaes, recebendo o estímulo, o exemplo, o conselho e a orientação dos que se impuzeram como chefes e deixando-se guiar por esses chefes por causa do successo que os mesmos alcançaram. As decisões que o homem commummente considera proprias são produzidas por effeito de sua educação e pela pratica generalizada de aproveitar-se da experiencia dos mais velhos. A liberdade de acção, legalmente garantida, está rigidamente restringida pela moral, pelo grau de desenvolvimento das artes technicas e por outras condições. A massa retém sua independencia em grande parte somente para a escolha dos seus chefes ou das leis que deverão ser observadas, ou na fiel observancia das leis já existentes. Comtudo a massa desempenha papel decisivo no desenvolvimento das forças sociaes. Pela preponderancia do seu peso decide até que ponto deverão ser seguidos os exemplos dos seus chefes. Determina o que ha e o que não ha de ser, e os proprios chefes em ultima analyse submettem-se á opinião popular.

Na sua vida privada os chefes geralmente são inconspicuos. Poderão estar em contacto com pequenos grupos que se revezam estabelecendo novas normas e orientações. Esse typo de chefia póde ser chamado anonymo e contrasta com a chefia pessoal em que a personalidade do chefe sobresahe fortemente e é largamente conhecida. A chefia anonyma actúa suavemente. Sua actuação limita-se á preservação de um nivel cultural existente ou a ultrapassar muito vagarosamente esse nivel. Grandes avanços e novas praxes exigem grandes chefes que occupam o centro do palco apezar das innovações por elles introduzidas serem assumptos para os quaes houve preliminarmente um prolongado estagio de preparação. Parallelos á chefia anonyma existem os poderes anonymos a que se habitua a sociedade ou um certo grupo social. Os poderes anonymos são acceitos pela massa dos homens como contrôles naturaes que se approximam da compulsão somente quando occasionalmente os homens se submettem contra a vontade a considerações sociaes que restringem a acção individual.

A sorte da sociedade depende da relação entre a chefia e as massas. O contraste entre as duas é necessário; deverá ser mais ou menos intenso para resultar em acção mas não deverá ser demasiado. A chefia não é possível sem alguma desigualdade. Igualdade absoluta restringiria todo e qualquer progresso social.

Porém poder demasiado conferido aos chefes poderá também retardar o progresso. Na verdade, poderá degenerar em oppressão ás massas.

Um homem superiormente dotado ou favorecido por condições exteriores, possui uma certa superioridade, mas isto só não pôde ser considerado poder. Somente quando essa superioridade é tão grande, de modo a dar ao seu possuidor uma vantagem decisiva é que lhe dá poder. Como exemplos poderemos citar o poder acquisitivo superior dos consumidores ricos ou a maior capacidade de competição do producteur mais favorecido.

Falla-se de poder social, quando a superioridade colloca um grande numero de outras pessoas em desvantagem e particularmente quando estão em jogo, não individuos possuidores de poder, porém grupos sociaes que se oppõem. Esse poder social é mais accentuado quando esses grupos são legalmente constituídos por superiores e subordinados.

Os grupos que assim se distinguem são chamados classes.

Costuma-se contrastar a classe superior que governa com uma classe subordinada. Com relação a condições economicas costuma-se fallar da classe governante como a dos proprietarios; dos governados, como a classe dos não proprietarios, ou proletarios. Mas uma analyse exacta deverá distinguir pelo menos 3 classes, uma das quaes é uma classe intermediaria nitidamente destacada. Ha transições graduaes desta para as classes mais alta e mais baixa. A propriedade em si, não é necessariamente um criterio de superioridade. Não menos decisivas para o predomínio de grandes grupos são as condições de desenvolvimento historico. Ha grandes grupos que pertencem á classe de proprietarios, mas que attingem a uma posição que os habilita a ganhar altas sommas somente por causa da sua educação superior. Talvez nem mesmo possuam riqueza acquisitiva. Definiremos essa relação entre dominação e subordinação sociaes, quer sejam ellas definidas por lei, ou por superioridade de facto, como estratificação. Donde, *strata*, dominantes e subordinadas.

Desse modo não somente as classes adquirirão significação propria, mas também as gradações individuaes dentro de cada classe. Varios grupos sociaes semelhantes são divididos pelas suas profissões respectivas ou por outro modo qualquer. Essa divisão horizontal da sociedade deverá ser distinguida da divisão vertical que vimos discutindo. A divisão do trabalho descripta pela escola classica é uma divisão horizontal da sociedade economica. Uma theoria economica que estuda o problema do poder não pôde desprezar o facto da estratificação.

Tambem na sua conducta economica o individuo é guiado por forças sociaes. A lei e a moral mencionadas pelos classicos não são as unicas forças. O homem deixa-se influenciar também em todas as relações em que a lei e a moral lhe dão a mais ampla liberdade. Elle é uma creatura do seu periodo e do seu meio — do seu paiz, sua classe, sua profissão. O que parece individual nelle é uma forma particular de uma norma typica de vida. Esta, elle a recebe por via da educação que emana das forças historicas activas através do seu circulo. E' fóra de qualquer duvida que os seus conhecimentos e habilitações são o resultado da educação na escola e na familia. Mas é necessario insistir em mostrar que essa educação social penetra até o intimo do seu ser. Necessidades, impulsos e até mesmo o egoismo são dominados por forças sociaes.

A natureza social das necessidades é a que se reconhece mais facilmente.

Forças sociaes educativas determinam não somente as chamadas necessidades sociaes, como também as necessidades pessoaes, usualmente collocadas em contraste com aquellas. Chega a ser verdade que a mais simples necessidade physica, tem um pretexto social; nem mesmo a medida do minimo physiologico da existencia é determinada inteiramente pelo individuo só por si. As *strata* de povos oprimidos durante longos periodos, têm sido educadas para uma pobreza quasi inconcebivel, com um atrophiamiento decisivo do impulso para melhorar sua condição economica. E' essa a «ausencia condemnavel da necessidade» do trabalhador de que se queixava Lassalle.

Fundamentalmente todo homem exige aquillo que o padrão de vida do seu circulo o força a exigir. Poucos são fortes bastante para serem independentes. O que se eleva a uma classe mais alta, ordinariamente acceta o

padrão de vida d'aquella classe. Si, talvez, para si mesmo conserva os habitos mais simples da classe para a qual fôra educado, não permittirá para os filhos outro padrão de vida inferior ao da classe a que pertencerão.

Até os sentidos do homem são educados socialmente.

A vista não é uma simples impressão physiologica sobre a retina. E' ao mesmo tempo uma avaliação da significação da imagem. Isso se dá pela comparação com causas anteriormente apprehendidas e que são recordadas por meio de imagens da memoria. Em cada periodo, os homens vêem de pontos de vista artisticos e technicos differentes, porque seus interesses são differentes e o que elles vêem, tem portanto significação differente. Na verdade, essas mudanças poderão dirigir sua attenção para detalhes inteiramente diversos.

Tambem os impulsos para actividade não são puramente pessoases. Para o homem commum, elles dependem inteiramente dos costumes do seu tempo, e do meio, quanto á direcção e intensidade dos mesmos. Em certo periodo, poderá ser um espirito guerreiro; em outro, um espirito acquisitivo que estimula a massa de homens sob certas condições e levada em conta sua educação historica. A vontade é o impulso disciplinado; mais mesmo do que o proprio impulso, a vontade desenvolve-se socialmente. Cada nação tem um certo grau medio de energia de vontade. Esse é determinado não só pela raça como tambem em cada periodo pela cultura historicamente transmittida. A vontade de economizar é uma entre francezes e outra entre anglo-americanos, differe como entre proprietarios e proletarios.

Os fins da economia decorrem das necessidades; sua força assenta sobre os impulsos e a vontade. A direcção e o padrão do esforço economico não podem ser determinados pessoalmente. Estão condicionados ao ambiente social.

No padrão de vida adoptado, cada individuo se adapta insensivelmente ás mesmas condições dos seus companheiros de classe.

Por motivo de egoismo social o homem integra-se numa ordem social que comprehende dominio e submissão. O espirito de camaradagem torna mais facil a submissão das massas ao poder tradicional ou a uma classe dominante.

Numa classe de servidores, contente com a sua sorte, origina-se um espirito de classe que encara a sub-

missão como questão de honra. Si não existe aquelle contentamento com a sorte apparece então o conflicto de classe, gerando o sentimento de solidariedade. Torna-se então ponto de honra ficar ao lado do companheiro, sacrificando o bem estar individual pelo melhoramento da classe. Com o despertar de consciencia de classe, aquellas mais opprimidas tornam-se incapazes de um egoismo muito forte, limitando-se ás necessidades pessoas mais urgentes, cada individuo procurando obter para si o mais possivel. Donde, constituirem as massas simples multidões sem laços e sem orientação. Já entre as classes dominadoras, acostumadas a mandar, o egoismo congrega os seus componentes nas exigencias feitas dos seus subordinados e na dureza de attitude que deverão preservar para realização d'aquellas exigencias.

A classe considera-se desprestigiada quando qualquer um dos seus membros deixa de usar as suas prerogativas de mando. Esse egoismo de classe transforma-se então em egoismo social.

A classe reconhece sua funcção social. Géra o devotamento dos seus membros a essa funcção. O absolutismo esclarecido que tão grandes cousas fez no campo de ensinamentos economicos com benevolencia e coragem póde servir de exemplo. Mas, o egoismo de uma classe dominante facilmente degenera, quando a opposição, que lhe resiste, enfraquece ou desaparece. Torna-se então gananciosa e prepotente.

A economia creou numerosas instituições sociaes que lhe prestam os mais completos serviços e apresentam uma estrutura tão harmoniosa que dão a impressão de terem sido creadas por uma vontade social organizada. No entretanto, o seu apparecimento e desenvolvimento foram o fructo de uma cooperação ora mais intensa, ora menos intensa de individuos ou grupos independentes. Como exemplos temos: a moeda, o mercado economico, a divisão do trabalho e a propria economia nacional, — a maior dessas instituições — que abrange todas as demais.

De ha muito que os estudiosos indagam as origens de taes instituição sociaes. A explicação de que tivessem sido criação do Estado ou resultantes de contractos sociaes é um tanto ingenua e raros são, hoje, os seus adeptos.

A moeda, por exemplo, sabe-se que já existia antes de existir o Estado.

Um simples contracto social facilmente annullavel não poderia, tão pouco, estabelecer os vinculos inque-

brantaveis e dominio absoluto da força que caracteriza todas as verdadeiras instituições sociaes. Muito mais acceitavel é a explicação baseada na gradual evolução historica que empresta grande importancia ao factor tempo.

A illustração da moeda é classica. Sua origem tem despertado uma curiosidade scientifica quasi igual a da origem do Estado ou da palavra fallada. A penetrante investigação de Menger encerra um cyclo de pesquisas interessantissimas feitas por diversos predecessores seus em torno dessa instituição.

Tomando a moeda como paradigma, elle procura demonstrar que todas as instituições sociaes da economia nada mais são do que «resultados sociaes não deliberados de factores teleologico-individuaes». Entretanto seu ponto de vista individualista não lhe permittiu ultrapassar os limites da economia simples.

Os factos que se relacionam com o apparecimento da moeda são os seguintes:

As vantagens da troca podem ser augmentadas quanto maior é o numero de pessoas que tomam parte na operação. Dahi certamente se originou o desejo de dividir um acto natural de «barter» ou simples troca de producto por producto em um numero maior de operações semelhantes.

Lembra-me a proposito a historia conhecida de uma professora primaria que perguntou ao seu discipulo mais esperto, filho de um banqueiro: «Que você faria com uma prata de 2\$000?» — «Eu», respondeu o pirralho, «primeiramente trocaria a pratinha em cruzados; depois trocaria os cruzados em nickeis de dois tostões; a seguir trocaria os nickeis de dois tostões por nickeis de um tostão e por fim trocaria tudo em cobres de vintem». Perplexa por ver que seu discipulo não tencionava gastar o dinheiro em gulodices, a professora perguntou porque elle faria tantas trocas successivas. A resposta veio prompta «E' que alguém poderá se enganar no troco e eu no fim terei mais do que 2\$000».

Assim começaram a apparecer aqui e alli homens mais expertos que, para ganhar as vantagens dessas trocas, envolviam terceiros figurantes nas suas operações. Recordemos o caso de um caçador que queria trocar caça por vinho. Mas essa troca não se lhe afigurava vantajosa porque o possuidor do vinho era tambem caçador. Porém um lavrador que tinha trigo offerencia esse producto pela

caça e o possuidor do vinho tinha necessidade de trigo. Melhor portanto trocar primeiramente a caça pelo trigo e em seguida o trigo pelo vinho. O que o caçador queria realmente não era o trigo mas sim o vinho. Aceitou o trigo como uma mercadoria intermediaria da qual logo se desfez em troca daquella que realmente desejava. Pouco a pouco esse processo foi se repetindo e em vista do seu successo foi sendo imitado e desenvolvido. Finalmente o valor de certas mercadorias como intermediarias dessas operações foi apparecendo, a ponto dos traficantes terem chegado á conclusão de que ninguem a recusaria receber dada a sua prompta acceitação.

Apparecera um *medium* universal de troca, era o dinheiro ou moeda em desenvolvimento. Percebemos que em primeiro lugar houve individuos mais intelligentes que primeiro iniciaram esse processo de permuta — os chefes, portanto — e o grande numero de imitadores ou a massa que lhes seguiu o exemplo. Percebemos tambem que o successo é a força que leva as massas a imitar o exemplo dos chefes. Menger não chegou a apreciar o valor do papel das massas no desenvolvimento da moeda como em toda e qualquer actividade social no que se relaciona com a sua imitação dos exemplos bem succedidos dos chefes, estabelecendo uma pratica universal que dá a uma lei sua força e imperio social.

